

DESPERTE O TALENTO QUE EXISTE EM VOCE

2ª EDIÇÃO *O Poder Mágico
da escrita Criativa*

Muito bem, meu caro! Este é o material complementar da aula *“Desperte o talento que existe em você”*, a primeira da série de 3 aulas sobre *O Poder Mágico da Escrita Criativa!*

Se por acaso você ainda não conseguiu assistir, **toque na imagem abaixo** e assista logo que terminar a leitura deste material, porque assim com certeza a sua experiência de aprendizado será completa!



Este é o primeiro passo de nossa jornada maravilhosa, e você vai descobrir o que é e como aproveitar na sua vida o poder mágico da escrita criativa. Ao longo das aulas e também nos materiais complementares, eu vou provar de maneira indubitável, inquestionável que você é maior do que pensa e que já tem dentro de si, no centro da sua consciência, do seu ser, o talento, a criatividade

e ideias incríveis para escrever com personalidade, com autenticidade.

E quero garantir-lhe que, ao final dos três dias do evento, você não apenas vai estar convencido disso, como também vai conhecer o método e as ferramentas para despertar a sua genialidade por meio da escrita. Mas veja: para a experiência ser completa, você precisa estar comigo ao vivo nas próximas aulas. Você precisa estar presente, com papel e caneta na mão, anotando cada detalhe, cada novo insight, cada novo ensinamento apresentado nas aulas e nos materiais complementares. Vamos à leitura, meu caro!

Por isso, não deixe para depois: **toque na imagem abaixo** e ative agora mesmo as notificações para a segunda aula!



A Conquista da Genialidade

Eu quero começar a nossa conversa fazendo uma pergunta provocativa para você, meu caro — mas não vale pensar muito antes de responder, está certo? Eu quero que você responda a primeira coisa que aparecer na sua mente.

Então lá vai a pergunta: **Para você, o que significa ser um gênio na escrita?** Perceba que eu não perguntei “o que significa ser um bom escritor”, mas sim “o que significa ser um escritor genial”.

Veja, frequentemente nós pensamos em gênios como seres quase míticos, dotados de um dom celestial, um dom que será sempre inacessível a todos nós, que somos meros mortais. Porém eu preparei este material para desfazer esse mito e para te provar que você já tem tudo o que precisa para escrever como um gênio — porque a genialidade não é um dom, é mais uma conquista, e uma conquista acessível.

Pode parecer exagero o que eu acabei de escrever, eu sei. E eu sei como as pessoas reagem quando eu digo isso: elas reagem com desconfiança e acham que eu exagero. E é por isso que eu sei que você certamente está pensando:

“Olha, Professor, eu até posso acreditar que já tenho o que eu preciso para me tornar um excelente escritor, mas dizer que já tenho o que eu preciso para escrever como um gênio... bom... isso não seria um pouco de exagero do senhor, ou, em português mais claro, o senhor não está forçando a barra? Porque eu sou apenas

uma pessoa comum que gosta de literatura, que gosta de escrever...”

Se não é exatamente isso que você está pensando, é algo parecido, com absoluta certeza. Mas eu te afirmo, sem medo de errar, com os meus mais de 40 anos de experiência, que não, não é exagero. Veja você que até mesmo os gigantes da literatura nunca se consideraram gênios. Vamos pensar num exemplo: Franz Kafka. A obra inteira dele por pouco não foi parar na fogueira, porque era esse o seu desejo, e foi isso o que ele pediu ao seu grande amigo, Max Brod: que seus textos fossem queimados sem ao menos serem lidos... E por que ele fez tal pedido? Você consegue encontrar uma resposta para isso? Por que alguém que passa a vida se dedicando à escrita pede uma coisa dessas?

A resposta é muito simples: por completa insegurança. E não sou eu que estou dizendo isso; o próprio Kafka faz afirmações desse tipo nos seus diários. Num trecho, por exemplo, ele diz que, quando começa a escrever, as suas dúvidas formam um círculo em torno de cada palavra. E em outro trecho ele afirma que, quando senta diante da escrivaninha, os seus ânimos são iguais aos de uma pessoa que, cruzando uma praça, cai e quebra as duas pernas.

Para citar outro exemplo, eu não sei se você já leu as cartas de Gustave Flaubert, mas eu poderia citar aqui centenas de exemplos de desânimo, de frustração, de cansaço, de angústia, de dúvidas infinitas que ele expressa nas cartas enquanto está escrevendo o seu grande romance *Madame Bovary*. Numa delas, ele se diz estéril como uma pedra – ou seja, não consegue produzir

nada, absolutamente nada. Em outra carta ele fala: “Estou mais cansado do que se empurrasse montanhas. Há momentos em que tenho vontade de chorar. É preciso uma vontade sobre-humana para escrever e eu sou apenas um homem”.

Veja bem: quem experimentou isso não foi o seu vizinho, não foi o seu primo ou a sua amiga que faz Letras na federal. Quem experimentou toda essa insegurança, todos esses medos, todos esses pavores, todas essas derrotas foram dois gênios da escrita: Kafka e Flaubert.

E esses exemplos não são exceções; são a regra. Nós poderíamos ficar horas aqui citando muitos, muitos outros exemplos. Contudo o meu objetivo te contando essas histórias é fazer com que perceba que essa insegurança que você sente em relação ao seu próprio talento não é uma exclusividade sua; se você se julga incapaz de escrever uma obra genial, meus parabéns: porque é exatamente assim que os gênios se sentem.

Vou citar outro exemplo: Shakespeare jamais escreveu com o objetivo de se tornar o maior dramaturgo da história. Jamais. Era impensável, no tempo dele, que um dramaturgo transformasse em livro as peças de teatro que ele escrevia. Isso simplesmente não existia na Inglaterra. E aqueles que tentaram fazer isso foram ridicularizados. Shakespeare tinha simplesmente o desejo de trabalhar escrevendo para o teatro, de ganhar a vida fazendo isso. E ponto-final! Se não fossem dois dos seus amigos reunirem as peças e publicá-las no formato de livro anos depois de Shakespeare estar morto, nós nunca teríamos lido Hamlet, Romeu e Julieta, Macbeth e tantas outras obras-primas da dramaturgia.

O Abismo Da Grandeza

Então veja só que coisa interessante: quando a gente depara com um texto maravilhosamente bem escrito, ou mesmo quando a gente tem o prazer de deparar com o trabalho de alguém muito talentoso em qualquer área (um músico, um atleta, um pintor, um grande mestre da física ou do jogo de xadrez), experimentamos aquela sensação arrebatadora, mas ao mesmo tempo deprimente: no fundo do nosso coração, pensamos: como é possível que essas pessoas extraordinárias sejam seres humanos, exatamente como eu sou? Como é possível?! Essa sensação arrebatadora e que nos humilha é o que nós podemos chamar de abismo da grandeza, isto é, aquela sensação de que há um vazio infinito e permanente que separa os supertalentosos e nós, que somos meros mortais.

E, no nosso íntimo, essa sensação precisa desesperadamente de uma explicação consoladora, de uma explicação que diminua a depressão em que começamos a afundar quando vemos que essas pessoas têm algo, têm um tesouro que nós não temos. E qual é a explicação consoladora que a nossa mente cria? A nossa cabecinha vira e nos diz: é que elas nasceram assim... elas têm algo que você não tem... elas têm um dom que você não recebeu... E nós inventamos tal desculpa para nós mesmos porque é a maneira mais fácil de justificar que essas pessoas tenham alcançado um patamar que as coloca muito acima de nós.

Mas a verdade, a verdade mesmo, é que por trás de cada gênio existe uma pessoa comum, com inseguranças e dúvidas exatamente iguais às nossas inseguranças e dúvidas, e com uma di-

ferença essencial: elas têm disposição para o esforço diário da prática constante, da perseverança incansável.

Sim, meu caro, porque o talento para a escrita não é um dom inato; trata-se do resultado de um acúmulo lento e invisível de práticas, de experiências que vão nos levando, cada dia mais, na direção de termos domínio sobre uma habilidade. Ninguém, ninguém é geneticamente destinado à grandeza literária e, ao mesmo tempo, raríssimas pessoas são biologicamente incapazes de alcançar essa grandeza.

Uma Ferramenta Extraordinariamente Cotidiana

Nas linhas acima, mencionei Shakespeare, Kafka, Flaubert, enfim, falei de grandes escritores. Mas eu quero salientar uma questão importante: escrever não é apenas para aqueles que desejam criar mundos fictícios, mundos fantasiosos ou vencer prêmios literários. Não, nada disso. Escrever é para todos. Escrever é uma ferramenta extraordinária para você entender melhor a sua própria vida, para comunicar as suas ideias mais claramente e, acredite, até mesmo para você avançar na sua carreira.

Existe um artigo chamado “Por que escrever é habilidade essencial nos negócios”, escrito por um executivo da Forbes chamado Jeff Bradford, e nesse texto ele chega a afirmar que desempenhar qualquer função com eficácia exige boas habilidades de escrita, o que é a mais pura verdade.

Pessoas que não conseguem escrever e se comunicar de forma clara têm menos chances de serem contratadas do que pesso-

as que possuem essas habilidades, e quando elas chegam a ser contratadas, o fato de que não conseguem se expressar bem por escrito fará com que elas logo sejam desconsideradas para uma promoção. E isso não sou eu quem estou dizendo, é o resultado de um estudo científico conduzido com mais de 120 diretores de RH dos Estados Unidos chamado “Escrita: uma ferramenta necessária”.

Mas vamos ser francos: isso não é nenhuma novidade, não é mesmo? Afinal de contas, a capacidade de se comunicar de forma eficaz é inestimável, e escrever bem pode ser a diferença entre ser ouvido e ser ignorado — seja redigindo um e-mail, preparando um relatório ou apresentando uma proposta, um memorando e outras formas de texto. No ambiente de trabalho, ser capaz de influenciar por meio da escrita pode significar liderar projetos, inspirar equipes e impactar as decisões estratégicas da empresa.

E digo mais: de todos os benefícios que você receberá aprendendo a escrever, os profissionais são os menores. A escrita é uma habilidade para a vida, uma ferramenta poderosíssima para o seu desenvolvimento pessoal; não apenas para compartilhar conhecimento ou expressar criatividade, como também para deixar algo duradouro de nós mesmos.

Quando coloca seus pensamentos e emoções no papel, você inicia um diálogo interno profundo que te permite explorar suas crenças, seus medos, suas esperanças e sonhos de maneira mais consciente. Esse processo de autoexploração clarifica a sua mente e também te ajuda a compreender e a organizar melhor as suas ideias e os sentimentos.

É por esse motivo que a literatura está repleta de diários dos mais diferentes tipos, e diários não só de escritores, e também está repleta de autobiografias, de livros de memórias e de relatos de viagens. Porque a escrita é a melhor forma de você conversar consigo mesmo; é a melhor forma de você se conhecer; de recriar, diante dos seus olhos, quem você realmente é, como se estivesse olhando para um espelho.

A irmã de meu pai, a quem chamávamos de tia Sílvia, me contou que o pai dela, meu avô, quando morreu, deixou um diário. E nesse diário, que ela conseguiu ler, ela encontrou páginas e páginas de profunda tristeza, por dois motivos: primeiro, porque ele era médico, e escrevia ali os diferentes casos em que, apesar de todos os seus esforços, ele não tinha conseguido salvar o doente. E também deixou páginas e páginas falando da tristeza que ele sentia por ter de viver longe da filha do seu primeiro casamento, uma menina doente, que sofria de uma enfermidade para a qual não existia cura, e que foi obrigado a interná-la numa clínica especializada.

Eu nunca pude ler esse diário, e ele infelizmente se perdeu... Mas pense no valor desses textos... Pense se todos nós pudéssemos ter acesso ao que esse homem comum escreveu, se nós pudéssemos conhecer as dores e as decepções que ele viveu... Eu tenho certeza de que um diário assim nos tornaria pessoas melhores do que nós somos, com absoluta certeza. E é por tal motivo que eu sempre repito aos meus alunos da Oficina de Escrita Criativa: toda a experiência humana, seja ela qual for, é digna de ser gravada, é digna de ser escrita e preservada para as futuras gerações.

E foi exatamente isso que uma das minhas alunas da oficina, Renata Chiavaro, entendeu perfeitamente. Vou transcrever a seguir o depoimento dela, que está nos comentários de um vídeo meu no YouTube. A Renata diz assim:

Foi somente depois de participar da Oficina de Escrita Criativa que tive a dimensão do que é a escrita e do seu poder transformador. Até então, achava ingenuamente que escrever era para poucos, somente para os gênios, os “iluminados”, os “escolhidos”, aquela meia dúzia de seres especiais, diferenciados, que nascem a cada século com uma inspiração que lhes é nata, previamente gravada em seu DNA, que a criatividade é uma constante e as palavras fluem como num passe de mágica. Eu realmente não fazia ideia de que também era capaz de escrever. O que me faltava era entender que qualquer pessoa pode desenvolver a escrita, não precisa ser nenhum gênio, basta realmente colocar a mão na massa. A partir da Oficina deixei de lado minhas inseguranças juvenis e passei a observar mais tudo o que me circunda. Meu olhar ficou mais atento e acurado. Passei a desenvolver minhas ideias com base em impressões colhidas em meu cotidiano: ambientes, situações rotineiras, diálogos, afazeres. Tudo passou a ser visto de outro modo. Tudo passou a ser tema que merecesse meu olhar, apreciação e escrita. Aprendi a desenvolver a minha própria voz. Isso me fez perceber que, quanto mais escrevo, mais quero escrever. Essa é a verdadeira magia da escrita! Há uma riqueza preciosa e inexplorada dentro de cada um de nós, uma riqueza que simplesmente desconhecemos. É na busca deste tesouro criativo rumo ao conhecimento de si mesmo e do mundo que nos cerca que o Professor Gurgel nos guia, com verdadeira maestria e encantamento.

Os Três Mitos Que Bloqueiam A Sua Genialidade

Diante do depoimento dessa minha aluna da Oficina, você pode estar se perguntando: “Tudo bem, professor, eu já entendi a importância da escrita, meu problema não é esse. O meu problema é que eu não sei como começar e também não sei como perseverar”.

Muito bem, muito bem. Esses problemas sempre surgem. E é por esse motivo que eu quero abordar agora três mitos muito comuns que podem estar impedindo a sua genialidade de aflorar.

A Falta De Inspiração

O primeiro mito é a tal da “falta de inspiração”. Muitos potenciais escritores hesitam, têm medo de começar, porque sentem falta da tal inspiração, como se as musas inspiradoras, ou as tágides de Camões, fossem aparecer do nada e soprar nos seus ouvidos as palavras maravilhosas que devem colocar no papel. Isso não é só uma terrível ilusão, uma forma perniciosa de autoengano que paralisa quem quer escrever, como também é o que se chama colocar a carroça na frente dos bois.

Porque a chamada inspiração é, muitas vezes, o resultado do ato de começar a escrever, e não o que desencadeia a nossa escrita. Começar a escrever, mesmo sem ter uma direção clara, é exatamente o que vai desencadear o seu fluxo de ideias e, consequentemente, a sua inspiração. E quanto mais se escreve, mais ideias aparecem, mais conexões nós vamos estabelecendo entre as nossas ideias e a realidade.

Porque, tudo, meu caro, absolutamente tudo que compõe a vasta experiência humana é fonte para um bom texto. Tudo o que é humano merece ser transformado em texto.

A Falta De Originalidade

Um segundo mito que aparece sempre e tem um poder igualmente destruidor, um mito contra o qual eu tenho lutado em todos estes anos como professor, é o da originalidade.

A frase mais batida e mais mentirosa que pode existir é alguém dizer que, para ter sucesso, você precisa ser original. No entanto a originalidade, meu caro, a originalidade, como eu sempre digo, é uma quimera: é um absurdo, uma fantasia, uma utopia. E, como toda fantasia impossível de ser alcançada, ela paralisa quem deseja escrever, exatamente porque a pessoa acredita que não tem nada de original para dizer.

Há quem diga “para ter sucesso, você precisa ser original”, e por causa disso o sujeito paralisa, pois pensa que não tem nada de original a dizer. Mas a verdade é que ninguém, absolutamente ninguém tem algo original, algo novo para contar, uma vez que tudo já foi contado, todas as histórias já foram contadas. Contudo, como sempre digo aos meus alunos da Oficina de Escrita Criativa, nenhuma foi contada com a sua voz, com o seu olhar, com a sua forma de entender, avaliar, sentir e julgar os fatos.

Perceba que a originalidade não é a criação de algo nunca antes visto, porque, na verdade, ela surge da combinação única das suas experiências pessoais, da sua voz, e da sua perspectiva com o tema ou com o assunto que você escolheu. Temas universais têm sido

explorados por séculos e ainda assim continuam a atrair interesse e produzir textos incríveis justamente porque são universais, ou seja, refletem experiências que todas as pessoas já viveram ou podem chegar a viver. Assim, pelo fato de que cada pessoa que escreve é única, você também pode trazer um novo olhar sobre as histórias que são comuns, que são tão conhecidas de todos nós.

Pense em você mesmo. Como você escreveria, por exemplo, a respeito de um caso de adultério? Qual é o problema de você ler os grandes romances que tratam do adultério, como *Anna Kariênina*, *Madame Bovary*, *Dom Casmurro*, e se inspirar nesses romances para escrever algo que represente a sua maneira de ver o tema, a sua interpretação? Você não conseguiria descobrir no tema do adultério novas nuances, novos aspectos, que Tolstói, Flaubert e Machado não perceberam ou descreveram de maneira incompleta? É claro que conseguiria.

Então, se você deseja ser original, concentre-se, antes de tudo, em ser autêntico, em ser verdadeiro, em apresentar as suas histórias e as suas ideias, de maneira que elas reflitam a sua individualidade, reflitam quem você verdadeiramente é. A questão-chave da originalidade é apenas resolver o mesmo problema, tratar, por caminhos diferentes, dos temas que todo mundo conhece e fazer isso usando a sua voz, usando, com coragem, com autenticidade, a sua visão de mundo.

A Falta De Valor

O terceiro e último mito que também é, desgraçadamente, muito comum entre aqueles que desejam começar a escrever é o de

acreditar que aquilo que você tem a dizer não vale a pena ser lido por ninguém, ou não vai despertar o interesse de ninguém.

Pessoas que pensam assim acreditam que não escrevem bem o suficiente, que o tema de que querem tratar já está esgotado, ou simplesmente acreditam que nunca viveram ou não conhecem nenhuma grande aventura e coisas desse tipo.

Para ser muito franco com você, meu caro, a postura de ter medo ou de se recusar a escrever porque de antemão você já sabe que o resultado vai ser insatisfatório revela um misto de soberba e de insegurança.

Perceba que você acaba assumindo a posição de autor do crime, de juiz e de carrasco ao mesmo tempo. Na verdade, o julgamento final sobre se o seu texto vale ou não vale a pena ser lido pertence aos seus leitores e aos críticos literários. Pensando como um juiz implacável, sabe o que você faz? Você aborta o seu potencial, mata a coisa, mata o seu texto antes mesmo de dar a ele a chance de nascer.

E isso é um erro, um erro tremendo, porque, em primeiro lugar, como já vimos, escrever não é apenas para os outros; é uma ferramenta poderosa de autoexpressão e autoexploração que pode ser intrinsecamente valiosa para a sua vida, para o seu autocohecimento, para você crescer e se desenvolver como uma pessoa integral.

E em segundo lugar, o valor real de um texto muitas vezes surge e se desenvolve durante o processo de reescrita e de revisão que todo escritor deve fazer. Um primeiro rascunho não precisa

ser — e dificilmente será — perfeito ou completo. Um primeiro é simplesmente um ponto de partida, nada mais. Então, pare de colocar chifre em cabeça de cavalo. Pare de podar o desejo de escrever que existe em você. Pare de se autocensurar. Pare de silenciar todas as ideias que estão aí dentro de você, latejando, vibrando e querendo ganhar vida nova no papel.

Pense em todos os escritores que passaram a vida inteira refinando e aprimorando seu estilo — e muitas vezes morreram insatisfeitos. E hoje seus textos são vistos como exemplos de genialidade. Se quiser um exemplo perfeito disso, leia as cartas que Marcel Proust trocou com o seu editor Gaston Gallimard: Proust estava morrendo no seu quarto e não parava de corrigir, de forma febril, as páginas que os impressores mandavam, que voltava a revisar e reescrever, enlouquecendo o editor e também os impressores.

Proust e todos os outros escritores não nasceram mestres de sua arte. Não. Eles se tornaram mestres por meio da prática, da dedicação, da insistência, da perseverança. E essa certeza nos oferece uma verdade poderosa, que destrói, de uma vez por todas, o terceiro mito: a única maneira de saber se o que você escreve é valioso é escrevendo. Não há outro caminho.

Um Salto De Fé E Coragem No Escuro

Começar a escrever e, mais do que isso, perseverar na escrita é uma espécie de salto de fé no escuro. Imagine: é noite; uma noite escura, sem luar; da sua janela, você só consegue ver o breu, a escuridão profunda, o silêncio que parece esmagador. E diante da escuridão e do silêncio só existe uma coisa: a sua vontade de escrever. Eu te pergunto: qual será a sua decisão? E eu te respon-

do: não esqueça de que nesta vida tudo é questão de coragem; as decisões importantes são tomadas na solidão do eu, e isso exige, acima de tudo, coragem.

Eu sei que você se sente inseguro a respeito da sua habilidade. Eu sei muito bem disso porque eu ensino escrita criativa há quase vinte anos, acompanhando e orientando escritores e aspirantes a escritores. E esse tipo de medo irracional, que nasce dos três mitos que nós vimos antes, é o que eu mais encontro: pessoas das mais diferentes idades, das mais diferentes profissões, dos mais diferentes níveis sociais que querem escrever têm a mente repleta de ideias, estão prontas para começar, estão a um passo de acreditarem em si mesmas, mas não têm coragem... e assim deixam seu sonho morrer por covardia.

E não é isso que eu quero para você. O que eu quero, e é para isso que eu preparei este material complementar, é que você se sinta impulsionado, que você se sinta fortalecido, que você abandone todas as mentiras, todas as ilusões, todas as quimeras e comece a escrever. Que você tenha brio; que seja corajoso, que abrace o seu potencial e liberte as portas da sua genialidade por meio da escrita.

Exercício Prático

Mas veja, a ideia não é que você tenha essa coragem para escrever amanhã ou depois de amanhã. Eu quero que você já comece a desenvolvê-la hoje, neste exato momento e, portanto, eu te convido a um desafio. Caneta em mãos, meu caro!

Eu quero que você escolha algo do seu dia a dia, algo que seja absolutamente comum; uma coisa para a qual você olha todos os dias, uma coisa que está do seu lado todos os dias — pode ser a caneca com a qual você toma café, a escova que você usa para escovar os dentes, a cama onde você dorme, ou pode ser uma pessoa, sua mãe, sua vizinha, seu filho, e eu quero que você comece a observar essa coisa ou essa pessoa com uma atenção completamente diferente, eu quero que você descubra nela os detalhes que você nunca percebeu, aos quais você nunca prestou atenção, e comece a descrever esse objeto ou pessoa, trazendo algum detalhe novo e inesperado que você descobriu nessa observação.

Por exemplo: uma armação de óculos. A armação de óculos que eu uso para ler. Como é a armação dos meus óculos de leitura? Será que eu já prestei atenção nela efetivamente?

Nos meus óculos de leitura há duas hastes, e nestas hastes eu posso ver duas cavidades que parecem um túnel. E agora, por exemplo, eu poderia escrever cinco linhas sobre para que servem essas duas cavidades...

Como eu disse, também pode ser uma pessoa, por exemplo: o carteiro que entrega os livros que eu compro. Ele é um senhor dos seus 50 anos, e agora, pensando nele, eu me lembrei de um fato curioso: ele é careca e tem uma mancha um pouco acima da testa... E essa mancha lembra muito a mancha que tinha o Mikhail Gorbachev, que foi responsável pela dissolução da Rússia comunista.

Então é o seguinte: neste exercício, você vai escrever 5 linhas a respeito desse objeto ou pessoa que você escolheu, nos moldes

que eu citei aqui. Não é pra escrever mais que 5 linhas, e só escreva depois de ter observado o objeto ou a pessoa que você escolheu. É, realmente, um exercício simples, mas é maravilhoso.

E eu quero que você traga esse texto aqui para a segunda aula. Assim que você finalizar o exercício, já cole o seu texto no chat, porque eu vou ler alguns textos e fazer algumas ponderações. Mas olha: não é pra escrever para me agradar, não é para mostrar que você conhece palavras difíceis, não é para se exhibir. É só uma descrição muito simples e sincera de um objeto ou pessoa do seu cotidiano. Combinado?

O Próximo Passo

No próximo encontro ao vivo, meu caro, eu vou mostrar a você que existe uma técnica muito mais simples do que imagina para começar a escrever todos os dias e avançar como você nunca pensou que pudesse avançar na escrita.

É sobre o passo a passo para chegar lá que eu vou falar na aula **“Expulsando o fantasma da página em branco”**, a segunda aula da série **O Poder Mágico da Escrita Criativa**.

Por esse motivo, **toque na imagem na próxima página**, ative as notificações automáticas e não perca a segunda aula por nada!

Clique na imagem abaixo e ative as
notificações automáticas!



2ª EDIÇÃO *O Poder Mágico*
da escrita Criativa